

44 e-mails¹ pedagógicos: entre o cuidado e o abandono líquidos

Nilce da Silva
Thelmelisa Lencione Quevedo

Nilce da Silva
Professor at the Faculty of Education,
University of São Paulo, Brazil
nilce@usp.br

Thelmelisa Lencione Quevedo
Master student of the Faculty of Education,
University of São Paulo, Brazil
thelmelisa@usp.br

RESUMO:

A partir de 2009, o grupo “Estudos sobre populações imigrantes no Brasil e no mundo: o papel da instituição escolar” (cadastrado desde 2002 no Diretório de grupos de pesquisa do CNPq) implantou o projeto de pesquisa intitulado “As novas tecnologias de comunicação e o aprender a ler e a escrever em língua portuguesa: um estudo sobre a intersecção do ‘mundo das letras’ e do ‘mundo virtual’”. Dentre as várias ações investigativas que empreendemos, tratamos neste artigo- inspirados no filme *O Silêncio de Lorna*- de analisar momentos da relação pedagógica instituída na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo com o auxílio das novas tecnologias de informação, mais especificamente, o *e-mail*, o *MSN* e o *blog*. À luz dos conceitos de *cuidado* (WINNICOTT) e de *abandono* (BAUMAN), discutiremos o *Zoon Politikon* (ARISTÓTELES), ser carente e imperfeito, que precisa do outro para sua completude.

PALAVRAS-CHAVE:

Cuidado, abandono, relação pedagógica, modernidade líquida, natureza humana.

Introdução

Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hiper corpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hiper corpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquarterjados, nesse imerso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo do ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem vindos à nova morada do gênero humano

Pierre Lévy

A partir de 2009, o grupo “Estudos sobre populações imigrantes no Brasil e no mundo: o papel da instituição escolar” (desde 2002, pertencente ao Diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa) implantou o projeto de pesquisa intitulado “As novas tecnologias de comunicação e o aprender a ler e a escrever em língua portuguesa: um estudo sobre a intersecção do ‘mundo das letras’ e do ‘mundo virtual’”.

Esta pesquisa – com características quantitativas e qualitativas – aborda, dentre outros aspectos, a relação entre escolaridade e uso do computador junto a três grupos de participantes: G1, constituído por alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de São Paulo; G2, formado por alunos em situação de supraescolarização no Quebec e G3, formado por alunos da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) que se preparam para atuar como professores-alfabetizadores.

A análise dos dados quantitativos coletados indica que a maioria dos alunos de EJA, majoritariamente migrantes na cidade de São Paulo, não se sente à vontade ao falar sobre a cibercultura. Apesar de interessados no assunto, declaravam-se envergonhados por ainda não estarem inseridos neste novo cenário. Constatou-se que os participantes do G2 se mostram familiarizados com o uso do computador para diversos fins, inclusive o da aprendizagem. Concluiu-se que o nível de escolaridade interfere diretamente na utilização do computador, tanto na frequência como na forma. Dito de outro modo, quanto maior o grau de escolaridade, maior é a confiança na utilização das ferramentas e aplicativos do computador². No que se refere aos aspectos qualitativos da pesquisa, momento de pesquisa-intervenção realizada nas horas de estágio de G3, observamos falta de intimidade deste

professor-estudante com a análise e reflexão sobre os novos gêneros de leitura e escrita em ambientes virtuais³.

Neste artigo, inspiradas nos comentários feitos pelo sociólogo Z. Bauman (2010) a respeito do filme *O silêncio de Lorna*, trataremos especificamente de um dos momentos desta investigação realizado junto ao grupo 3. O mesmo se constituiu por uma série de episódios pedagógicos virtuais estabelecidos entre estes sujeitos e uma de suas professoras, mais especificamente, a docente de *Fundamentos e metodologia do ensino da alfabetização de jovens e adultos* que ocorreu no primeiro semestre de 2012 intitulada como *maratona on line 1 e 2*; a primeira, no dia 17 de abril, e a segunda, no dia 12 junho. Neste contexto, as ferramentas virtuais foram três: *e-mails*, *blog* e contatos via *MSN*. Descreveremos o que foram tais “maratonas”, quando e como ocorreu surgiram, as modalidades de interação que ocorreram entre pesquisadora e sujeitos da investigação, perguntando-nos: como se constituiu a relação pedagógica para além dos muros da sala de aula? Em que momentos observamos o abandono líquido e o cuidado na relação pedagógica estabelecida?

Para tentarmos discutir estas questões, dividimos este artigo da seguinte maneira: na primeira parte, apresentaremos ao leitor um resumo do filme *O silêncio de Lorna* e uma passagem da obra de Z. Bauman intitulada “44 cartas do mundo líquido moderno” (2011) que nos inspirou para iniciarmos a escrita deste artigo. Em seguida, à luz do citado professor polonês, discorreremos sobre a modernidade líquida e alguns conceitos que desta decorrem.

Na parte 3 deste *paper*, desenvolveremos a noção de “cuidado” à luz de D. Winnicott (1983, 1988, 1999).

A seguir, apresentaremos análise dos dados coletados para finalmente discutirmos as possibilidades e limites da formação e manutenção do vínculo pedagógico no mundo virtual em contexto de consumismo, individualismo, competição como elementos constituintes dos nossos dias e indispensáveis para que discussão acerca da possibilidade da afetividade, do cuidar, na relação pedagógica na modernidade líquida e no mundo virtual levando em consideração a natureza política do ser humano, do *Zoon Politikon*.

Parte 1: A captura: O silêncio de Lorna

Nos dias cínicos atuais, o radical é fazer um filme cheio de ternura e candura.

Selton Mello

Na obra “44 cartas do mundo líquido moderno” (2011), Bauman nos apresenta um filme ilustrativo das conseqüências da busca (podemos dizer “perseguição”) de objetivos de sobrevivência, oriundas da necessidade de “não se ficar atrás” na era do capitalismo por meio da saga de uma imigrante. Trata-se do filme “O silêncio de Lorna”.

Este filme, e concordamos com Bauman (2011), seria apenas mais um filme sobre os movimentos internacionais das pessoas se não fosse por um precioso detalhe: a nossa inspiração: apesar de toda a crueldade do mundo líquido moderno, o ser humano não perdeu a característica de ser CUIDADOR e de precisar de CUIDADO. Vejamos assim, com maior detalhes, do que trata este filme.

Lorna é uma emigrante albanesa que precisa de dinheiro para abrir uma lanchonete com o namorado (Sokol) na Bélgica. Assim, para conseguir o que precisam, ambos têm um plano: Lorna se casaria com um belga para adquirir esta nacionalidade. Posteriormente se “livraria” dele, e se casaria novamente, desta vez, com um russo disposto a pagar muito dinheiro para obter tal cidadania. Para “dar o golpe”, Lorna se casa com Claude, um viciado em drogas – afinal, quem vai ligar para esse “pobre-diabo”, drogado terminal?, pensava ela e a rede de tráfico de pessoas com a qual estava envolvida. O objetivo era usá-lo e, depois, livrar-se dele, ficando viúva ou se divorciando e apta a vender a sua cidadania.

Nesta trama, podemos ver claramente as relações pautadas pela traição, farsa, e outras atitudes cruéis, puramente frias e racionais, fruto de uma estratégia competitiva; até que um mecanismo de sobrevivência social é posto à mostra. Este mecanismo diz respeito ao (im)previsível fator humano. Nas palavras de Bauman (2011):

Numa sociedade de consumidores – isto é, de pessoas que para consumir antes vendem a si mesmas como mercadorias – tudo isso deveria ser visto como uma proposta comercial impecável, perfeitamente afinada com a lógica e o espírito da sociedade na qual Lorna e Sokol batalham para entrar e onde pensavam encontrar segurança, a mesma lógica dos possíveis compradores de seus serviços e identidades legais. Mas o esquema logo começa a degingolar graças a certos fatores que a proposta comercial negligenciara, pela simples razão de não terem preço de mercado: compaixão, piedade, impulso para cuidar, recusa a infringir dor, aversão a contemplar o sofrimento humano não faziam parte do contrato de “matrimônio” (p. 187 e 188)

O filme nos aponta que a falta de localização social propiciada pelo não-trabalho, o vagabundo (BAUMAN, 2011) afeta até a medula da subjetividade humana: a condição humana expõe a fragilidade de Lorna em uma sociedade regida por uma racionalidade lucrativa e predatória nas relações; mundo que, apesar disto, não destrói o afeto. No interior de um plano bem urdido, Lorna se arrisca a colocar tudo a perder quando é pega por suas próprias emoções. É essa possibilidade que derruba por terra a sua intenção de, na luta pela sobrevivência, acreditar-se capaz de simplesmente usar o outro, Claude, como um objeto, e nos mostra que algo na natureza humana não se anula e torna possível um contato afetivo mesmo quando o plano é de explorar o outro.

Deste modo, para continuarmos com a proposta deste artigo – a relação pedagógica na pós-modernidade: entre o cuidado e o abandono líquidos – vejamos a seguir as características do mundo líquido, para que depois explicitemos o conceito de cuidado (WINICOTT, 1983, 1988, 2001, 1975) e retomemos o trabalho docente, objeto desta reflexão, na relação pedagógica que pode se constituir no caldo, líquido, da cibercultura.

Parte 2: O mundo líquido

O valor, o mais precioso dos valores humanos, o atributo sine qua non de humanidade, é uma vida de dignidade, não a sobrevivência a qualquer custo.

Bauman

Sabe-se que os países de capitalismo avançado e alguns países de economia periférica – como é o caso do Brasil – vivem profundas mudanças nas relações sociais, nas condições e no mercado de trabalho, alterando substancialmente as formas de relacionamento entre as pessoas. A atual situação sócio-econômica mundial traz aos que viveram na dependência ou na expectativa de um emprego, uma “descrença” fundamental no futuro, o que faz com que, por vezes, o sujeito humano se torna refém de uma busca do gozo⁴ constante como saída mágica do sofrimento. O que começa a acontecer? O fenômeno da indiferença, do recolhimento da afetividade em função da necessidade de se criar um “diferencial competitivo” e uma “cap-sula protetora” para vencer nas concorrências pelo espaço no mercado trabalho. Ao aumentar a competitividade, as relações pautadas na cooperação parecem diminuir e, vemos aumentar, conseqüentemente, a desconfiança, a descrença no amor, descrença no futuro planejado, descrença na idéia de que um “bom

comportamento” trará vantagens, descrença na política, na justiça e no parceiro, descrença no estudo, no ensino, com a única a certeza de que dedicar-se a algo ou a alguém é «correr risco». O trabalho do professor – e a relação pedagógica, portanto – estão neste contexto.

Pensamos as mudanças nas relações a partir de aspectos como: a possibilidade de perda da referência tradicionalmente cultivada pelo trabalho. As mudanças envolvem uma alteração no conteúdo do trabalho, de modo que, para a maioria dos indivíduos, a existência básica e o modo de vida são marcados por uma espécie de insegurança endêmica mergulhada na cibercultura (BAUMAN, 2000)⁵. Além disso, a sociedade líquida trata os próprios indivíduos como mercadorias a serem consumidas, antes de serem considerados como pessoas com uma subjetividade a ser respeitada. Isto afeta o sentimento de valor com direito ao respeito e à consideração. Se, para ser pelo menos levado em conta é preciso que o sujeito seja mercadoria, ele se esforça por sê-la. A posição de Bauman (2008, p. 32) é de que em:

Uma “relação pura”, centralizada na utilidade e na satisfação é, evidentemente, o exato oposto da amizade, devoção, solidariedade e amor – todas aquelas relações “Eu-Você” destinadas a desempenhar o papel de cimento no edifício do convívio humano. Sua “pureza” é avaliada, em última instância, pela ausência de ingredientes eticamente carregados [...]. A “criação de um relacionamento bom e duradouro”, em total oposição à busca de prazer por meio de objetos de consumo, “exige um esforço enorme”.

Bauman nos coloca que, no mundo atual, devido principalmente à difusão das novas tecnologias – de ensino inclusive, acrescentamos nós – e em função do consumismo, a função social do afeto muda: de base da família e suporte na construção das estruturas sociais duráveis, o afeto se desloca para o universo da coleção de experiências, transformando-se o indivíduo pós-moderno em um “coleccionador de sensações”⁶ (BAUMAN, 1998, p. 184). Com a evolução tecnológica, paira a sensação disseminada de que o sistema desumaniza os homens, substituindo-se a responsabilidade moral pela técnica. Mas é justamente aqui que se encaixa o fenômeno do sujeito, sendo nossa proposta refletir sobre o caráter do afeto, que parece persistir nos indivíduos apesar do declínio do modelo romântico e das incertezas atuais. Entendemos que o sujeito contemporâneo, o “coleccionador de sensações”, é um ser agônico de afeto, que não consegue abrir mão da necessidade de ser considerado e reconhecido pelo semelhante.

Neste ponto, trazemos para nossa reflexão, propondo um diálogo complementar, as ideias, e com elas, a esperança no ser humano, contidas na teoria do psicanalista inglês, falecido nos anos 70 do século XX, D. W. Winnicott.

Bauman afirma que o individualismo faz com os indivíduos não se atraíam mais por atitudes como cuidar da coesão, preocupar-se com o outro ou alimentar um sentimento de comunidade, apesar de não conseguirem deixar de as fazê-las como ele destacou quando comentou o filme *O Silêncio de Lorna*. Winnicott corrobora com esta reflexão sobre a condição humana, o que compreende a “capacidade de cuidar”, a capacidade de sentir afeto e estabelecer vínculo, a possibilidade de reconhecer o outro; de considerar e se preocupar com ele, de se identificar com sua condição desvalida e de se alegrar com o seu bem-estar, entretanto, para que isto ocorra, faz-se mister uma “mãe suficientemente boa” (WINNICOTT, 1975), conforme discutiremos a seguir. Sendo assim, vejamos o que é cuidar para este psicanalista para que depois analisemos as possibilidades e limites do cuidado no âmbito da relação pedagógica no mundo virtual, estrutura estruturante da modernidade líquida.

Parte 3: O que é cuidar

Cuidar dos interesses dos nossos vizinhos é essencialmente
cuidar do nosso próprio futuro.

Dalai Lama

Winnicott valoriza as primeiras trocas entre o bebê e o meio-ambiente, tanto da perspectiva dos indispensáveis cuidados do ambiente, quanto do desenvolvimento da capacidade de cuidar no sujeito, sendo esta capacidade de cuidar o que o autor denomina *concern*. O *concern* surge a partir da própria evolução do processo de amadurecimento emocional, em uma fase em que o bebê vivencia como duas pessoas diferentes a mesma mãe: uma é vivenciada como mãe-ambiente e a outra como mãe objeto.

A mãe que possibilita a evolução do processo de amadurecimento foi nomeada por Winnicott de “mãe suficientemente boa”: aquela cuja percepção – consciente ou inconsciente – das necessidades do bebê, responde adequadamente aos diferentes estágios do desenvolvimento dele. Isso faz com que se crie um ambiente (*holding*) propício a um processo de formação de um ser humano independente. O *holding* é o somatório de aconchego, percepção, proteção e alegria fornecidos pela mãe.

Tal conjunto começa como algo vital, como o oxigênio e a alimentação, e se dilui conforme o bebê cresce (WINNICOTT, 2001). Assim, a mãe suficientemente boa é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Esta mãe não sufoca, não é negligente.

Para o bebê, no início da vida, ainda não existe integração: ele vive o estágio da dependência absoluta, em que o fundamental ainda não é o processo da integração (e início de contato com a realidade externa), mas o puro e simples *estar vivo* – ‘*going on being*’, como diz o autor, sustentado pela provisão do amor materno – condição de possibilidade dos processos e das conquistas posteriores. Neste estágio, a devoção amorosa materna é condição indispensável para a experiência dos estados de tranquilidade que tornam possível a constituição subjetiva. A ênfase de Winnicott reside nos cuidados que a mãe pode proporcionar: a mãe-objeto é amada pelos cuidados que propicia; e a mãe-ambiente que é amada por seus cuidados, digamos, sociais como afagos verbais e não verbais, brincadeiras, etc. Um aspecto especial da mãe- ambiente tem início no estágio da dependência absoluta, em que a mãe ambiente não existe, e é a capacidade da mãe de *tranquilizar* o bebê nos momentos de aflição ou terror – para além do fornecimento do alimento. Esse aspecto especial se manifesta pelos comportamentos típicos de acalantar, trazer ao colo e se comunicar com a criança nos tons de voz apropriados a fim de acalmá-la em momentos de tensão (WINNICOTT, 1983).

De acordo com Bogomoletz (2000), na fase da dependência absoluta, o bebê se sente “dono do mundo”, um mundo que ele ainda não conhece por inteiro, pois ainda não lhe foi apresentado pela mãe, mas um universo que ele crê dominar porque nessa época tudo aquilo que vem do eu é bom e tudo aquilo que vem de fora do eu é mau. Nessa época, o bebê é impiedoso (*ruthless*), ou seja, não lhe ocorre que seus atos possam causar dor ou desconforto aos outros. Só mais tarde, ele irá se importar com as consequências dos seus atos para os outros e, então, atingirá a fase humana propriamente dita do seu desenvolvimento emocional, a fase do *concern*. Este é o início da capacidade de reconhecer o outro como uma pessoa total e aprender a se importar com o outro, o que constitui a base das relações posteriores. Importar-se, nesta perspectiva, pode ser concebido como a capacidade de reconhecer o outro e o “cuidar” surge de um longo processo de trocas entre o indivíduo e seu ambiente, como uma afirmação do gesto criativo acolhido pela figura materna, levando, assim, à descoberta do outro enquanto sujeito.

Se a modernidade nos prometeu a liberdade, a autonomia como fenômeno social, Winnicott nos apresenta um paradoxo segundo o qual a autonomia individual, isto é, a separação eu/mundo, na condição de *sujeito*, depende inteiramente do suporte ambiental. Ou seja, para que o indivíduo se constitua como entidade autônoma (sujeito), e não dependente dos outros e da sociedade – tal como pretendeu o projeto moderno – uma ligação concreta precisa ser mantida inicialmente com o ambiente materno e, posteriormente, uma ligação transicional⁷ precisa existir também, para se estender depois aos espaços públicos e coletivos.

É importante para este trabalho, compreender o que Winnicott chama de *self* (traduzido por alguns como ‘si mesmo’ – e podendo ser descrito como o ‘núcleo da identidade pessoal’). O *self* se forma a partir das experiências que o bebê vai acumulando. A capacidade para a formação do *self* é inata. A memória, inicialmente muito rudimentar, vai se sofisticando e, aos poucos, junta-se dentro do bebê como um somatório dessas experiências, no qual surge, em algum momento, um denominador comum: o *self*. Graças ao processo de integração, que faz com que as memórias se relacionem umas com as outras, esse denominador comum vai ficando cada vez mais ‘claro’ para o bebê. Winnicott chamou de ‘*self* verdadeiro’ àquele que se forma a partir de experiências das quais o bebê é, digamos assim, o ‘sujeito’ (no sentido gramatical do termo). Esse seria o desenvolvimento idealmente natural: se o ‘ambiente’ (geralmente, a mãe) aceita as manifestações espontâneas do bebê (inicialmente fome, desconforto, posteriormente prazer e, por fim, vontade), em vez de impor a este o que ele (o ‘ambiente’) considera que o bebê deveria fazer ou aceitar⁸, acumulam-se as experiências das quais o bebê é ‘sujeito’, e o *self* que se forma pode ser considerado ‘verdadeiro’. Mas quando a mãe (o ambiente) acha mais importante o que ela *sabe* do que aquilo que o bebê *quer*, forma-se um *self* que, em vez de constituído por experiências espontâneas, é um somatório de experiências das quais o bebê é *objeto* – ou seja, experiências que não foram deflagradas pelo impulso espontâneo do bebê, mas pela iniciativa da mãe. Assim, cria-se um *self* acostumado a *receber* as experiências, em vez de produzi-las (BOGOMOLETZ, 2008).

Em um ambiente em que há invasão, em que há imposição de valores, não é possível o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. O *self* acostumado, desde muito cedo, a agir predominantemente como esperam que ele aja, não consegue funcionar espontaneamente – precisa sempre saber o que os outros esperam dele, o que os outros estão fazendo, para poder fazer como eles. Winnicott insiste, ao longo de sua obra, na idéia de que o homem tem necessidades, e a principal de-

las é a de necessidade de agir a partir da própria vontade, em vez de a partir da vontade alheia. Sartre, numa de suas frases mais famosas, disse: 'O homem está condenado à liberdade.' Winnicott diria isso de outro modo: o homem precisa sentir-se livre' – sendo que 'livre', aqui, significa 'agir a partir de uma decisão própria, e não a partir de uma pressão externa'.

Quando as condições sociais e de relacionamento privilegiam o *self* verdadeiro, com sua criatividade, com sua insubmissão, com sua agressividade natural (não hostil, mas ao mesmo tempo não 'boazinha'), o resultado é um novo *zeitgeist* – que agora, desmontado o 'bom mocismo' bem comportado e previsível do falso *self*, dá combustível a que cada vez mais as pessoas abandonem as velhas premissas de que 'para ser 'bom' basta parecer 'bom'º. E, do nosso ponto de vista, é esta Natureza Humana que pode ser observada despontar no âmbito das relações pedagógicas- inclusive a distância- por meio das novas tecnologia, tal qual discorreremos a seguir.

Parte 4: Dados coletados em relação pedagógica no mundo virtual

A palavra é o meu domínio sobre o mundo.

Clarice Lispector

Conforme anunciamos, apresentamos aqui os dados coletados junto a 45 sujeitos pertencentes ao grupo 3 das nossas investigações, professores em formação da FEUSP e outras unidades desta universidade.

Os dados foram coletados durante 28 horas de trabalho. Tal período foi nomeado 'maratona *on line* 1' (14 horas) e 'maratona *on line* 2' (14 horas). Destas jornadas, foram feitos registros, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, das interações que ocorreram entre a docente da disciplina *Fundamentos e metodologia do ensino da alfabetização de jovens e adultos* e seus alunos, futuros professores. As ferramentas virtuais para tanto foram basicamente três: *e-mails*, *blog* Alfabetizar virtual (<http://alfabetizarvirtualtextos.wordpress.com/>) e contatos via *MSN*. Vejamos a seguir a descrição destes dias de trabalho em sala de aula virtual.

Maratonas *on line* 1 e 2

Estas jornadas aconteceram respectivamente nos dias 17 de abril e 12 de junho de 2012, das 9 às 23 horas, entre a professora formadora e 45 estudantes.

Em cada um destes dias, a professora começou a preparar seu ambiente de trabalho virtual para receber seus alunos e começou a 'receber' seus alunos às 9 horas, conforme o combinado.

O conteúdo formativo trabalhando na 'maratona 1' se constituiu pela elaboração de um plano de aula, em que o professor-aluno deveria planejar uma aula em que ensinaria a uma ou mais pessoas adultas em situação de pouca escolarização a utilizar um ambiente virtual (*sites* de banco, *blog*, *sites* de um modo geral, *e-mail*). Este adulto poderia ser aluno regular de uma escola ou poderia ser alguém do círculo social do aluno FEUSP que necessitasse aprender a utilizar alguma ferramenta da *internet*. Tal proposta foi explicada uma semana antes em aula presencial, em que os alunos, individualmente ou em grupo, começaram a preparar suas aulas. O produto final deste trabalho, foi, portanto, enviado por *e-mail* em documento *word* para a professora no referido dia combinado quando a professora, exaustivamente, leu e releu os planos didáticos em pauta.

Feitas estas leituras, e partindo para a 'maratona *on line 2*', os professores-alunos foram incentivados a aplicar o referido plano nas duas semanas seguintes à aula virtual e a escreverem um depoimento seguindo normas para publicação claras e precisas.

No dia 12 de junho, como assinalamos acima, ocorreu a maratona *on line 2*, que consistiu na escrita e reescrita de um depoimento por parte dos alunos da FEUSP, individualmente ou em grupo, que tratasse da aplicação da aula planejada anteriormente.

Deste modo, a professora lia o material enviado, fazia seus comentários no arquivo *word* enviado pelo aluno e o retornava. Este deveria melhorá-lo e reenviar para o aval da professora tantas vezes fossem necessárias e possíveis para que o depoimento escrito pelo atingisse o grau máximo de perfeição naquele dia, naquele momento, nas condições dadas e que, portanto, alcançasse a nota dez e fosse enviado para publicação no *blog* Alfabetizar Virtual, tal como havia ocorrido com o seu plano de aula.

Na medida em que esta proposta, de aula em espaço virtual, está em funcionamento há dois anos, consideramos que o *blog* Alfabetizar virtual começa se constituir num espaço de consulta e formação para os seus seguidores e potenciais visitantes tendo em vista a riqueza do material produzido pelos sujeitos em questão. Neste sentido, destacamos alguns dos objetos de conhecimento no âmbito do mundo virtual que pertencem a este acervo: como abrir uma conta de *e-mail* e utilizá-lo;

como anexar arquivo em *e-mail*; como possuir um *curriculum lattes* na plataforma do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq); como aprimorar fotografia e construir um álbum virtual; como realizar transações bancárias; como criar um *blog* e alimentá-lo; como usar o *skype*; como utilizar motores de pesquisa; dentre outros temas tão atuais e necessários aos adultos de hoje. Ainda é importante dizer que, as pessoas escolhidas para aprender usar estes instrumentos foram: pais, mães, avós, amigos de trabalho, conhecidos no ambiente de trabalho, colegas e professores da própria universidade, além de, alunos regulares em cursos de alfabetização de adultos tanto em escolas públicas e particulares, como em instituições religiosas (igrejas católicas e protestantes). Finalmente, vale completar a informação de que as citadas aulas foram ‘ministradas’ em diferentes ambientes: concretos (salas de aula, salas de informática, centros culturais, casa dos próprios alunos e parentes) e virtuais (o ambiente do *MSN* e do *skype*).

Vejamos a seguir algumas medidas referentes aos acontecimentos vividos durante estas 28 horas de trabalho docente virtual:

TABELA 1: Acontecimentos vividos durante 28 horas de trabalho docente virtual

	Maratona <i>on line</i> 1	Maratona <i>on line</i> 2
Alunos que solicitaram teste <i>on line</i> para saber se tudo funcionava bem na comunicação	1	0
Envio- para todos os alunos, via <i>e-mail</i> , de documento complementar (normas da Associação Brasileira de Normas técnicas- ABNT)	9 horas e 43 minutos.	Sem necessidade.
Envio de modelo de plano ou depoimento de aula para todos os alunos via <i>e-mail</i> .	10 horas e 20 minutos.	Sem necessidade.
Recepção pela professora do último plano de aula.	23 horas	22.55 h.
Trabalhos lidos mais de uma vez pela professora.	39	32
Alunos que não estavam inseridos no grupo de <i>e-mails</i> da professora.	2	0
Alunos que solicitaram interação pelo <i>MSN</i> .	3	15

Horários de pausa solicitados pela professora, avisados por <i>e-mail</i> para o grupo de alunos durante a maratona.	Das 12 às 13 h.; das 16 h. às 17. horas; das 20 h. às 21 h..	11às 12 h.; 14.30 às 15.10 h.; 17.10 às 18.10 h.; 20.15 h. Às 21.15 h..
<i>E-mails</i> trocados.	218	140
Troca de mensagens no <i>blog</i>	0	18

Além destes aspectos quantificáveis, aproximar-nos-emos do caráter qualitativo, do conteúdo (caráter e tom) das correspondências eletrônicas trocadas tendo como remetente os alunos, futuros professores em formação.

Para tanto, fizemos, primeiramente, a tabela abaixo que mostra a frequência das situações ocorridas nesta maratona *on line*.

TABELA 2: Frequência das situações ocorridas na maratona *on line*

Conteúdo	Maratona 1	Maratona 2
Alunos pedindo informações sobre a atividades a ser realizada.	80	2
Agradecimento por parte do aluno.	65	38
Envio da atividade apenas.	10	30
Alunos se desculpando (humor) pela quantidade de vezes que estava enviando seu plano para leitura.	15	8**
Aluno, acanhado, agradecendo pela leitura feita pela professora.	26	2
Aluno falando de problemas pessoais que impedem de realizar a tarefa.	5	1
Aluno justificando sua falta de habilidade para a escrita.	14	2
Aluno enviando <i>e-mails</i> para o seu grupo de trabalho.	30	3
Aluno usando <i>emoticons</i> para expressar ideias.	12	8
Aluno justificando a sua presença, ausência e volta do seu retorno <i>on line</i> para retomar interação.	2	15

Vejamos agora, o conteúdo (caráter e tom) das correspondências eletrônicas trocadas tendo como remetente a professora formadora:

TABELA 3: Conteúdo (caráter e tom) das correspondências eletrônicas trocadas tendo como remetente a professora formadora

	Maratona 1	Maratona 2
Professora informando sobre a atividades a ser realizada.	100	85
Agradecimento por parte da professora.	40	30
Professora enfatizando o seu papel de leitora do trabalho do aluno.	50	21
Professora organizando o dia de trabalho.	13	10
Professora ouvindo problemas pessoais do aluno que de realizar a tarefa.	5	2

Análise dos dados

Eu tinha certeza absoluta de que você estaria no momento exato que combinou comigo. E digo mais: me senti única, parecia que só tinha eu pra você atender.

Aluna, sujeito da pesquisa, conversando com a professora sobre a maratona on line

A partir da organização dos dados coletados acima apresentada, podemos ter uma ideia de como foram as modalidades de interação que ocorreram entre a professora e os alunos-professores durante as maratonas *on line*. Aqui, ainda que de passagem, com o objetivo de analisarmos melhor os dados coletados, explicitamos que o sentido dado pela professora à palavra “maratona” indica: a quantidade de horas trabalhadas e a exaustão provocada pelo processo. E ainda que tais atividades pedagógicas receberam este nome enquanto a professora realizava a primeira delas. Ou seja, tratou-se um trabalho de fôlego tanto do ponto de vista físico como emocional.

Na tabela 1, podemos perceber que apenas um aluno fez um teste antes do horário e dia combinados para ver se realmente a *internet* funcionaria e, deste modo,

evitar a possibilidade de problemas no dia da aula virtual. Diversas afirmações poderiam ser feitas frente a este dado, entretanto, aqui nos limitamos apenas a inferir que havia segurança por parte dos alunos de que a professora estaria *on line*, a postos para recebê-los. Tal afirmativa se deve ao fato dos inúmeros contatos positivos que fizeram a história desta relação pedagógica em que há uma professora presente para estes alunos, alguém que não os 'deixa na mão' e que se disponibilizou a escutar seus estudantes e a 'cuidar' deles.

Na maratona 1 percebe-se que alguns alunos se encontram perdidos com relação à atividade que deveria ser feito e ao modo como eles deveriam apresentá-la. Prova disto, foi o envio, plea professora, das normas da ABNt e do modelo do plano de aula para todos os alunos, indicando a forma necessária para a apresentação de trabalhos acadêmicos não estava sendo respeitada. Tal demanda não foi verificada na maratona n. 2, deixando-nos inferir que os alunos estavam mais preparados para a execução da mesma.

Muito interessante observar enquanto apenas três alunos solicitaram a atenção da professora via *MSN* na primeira aula virtual, tal dado quintuplicou no segundo momento.

Os horários de pausa da professora mantiveram-se constantes nos dois momentos *on line*.

O número de *e-mails* trocados nas duas sessões diminuíram e isto, segundo depoimento da professora, deve-se ao fato de que as correspondências foram de fato dirigidas para o envio da tarefa solicitada. Esta afirmação é corroborada quando analisamos os dados apresentados na tabela 2. Ou seja, há um grande queda do número de solicitações contendo explicações sobre o que deveria ser feito como atividade nas aulas virtuais propostas. E ainda, vê-se, um aumento dos *e-mails* que tratavam da entrega da atividade pronta. Tal situação também vai se refletir na quantidade de mensagens que se compunham por, de uma forma ou de outra, agradecer a professora pela sua explicação atenta, encorajamento ou leitura cuidadosos. Não menos importantes, neste sentido, são os alunos que se desculpam, com humor, de um jeito meio acanhado, às vezes, frente a tantos envios e reenvios de atividades submetidas à leitura e releitura. De acordo com o depoimento da professora, muitos alunos se mostravam culpados por não produzirem um texto impecável do ponto de vista da norma culta da língua portuguesa.

Um outro aspecto que pode significar a cumplicidade existente – e mantida – entre a professora e seus alunos é a troca de mensagens referentes a assuntos pessoais

que impediam o aluno de realizar as atividades propostas a contento. No mesmo sentido, o 'dar satisfação ao outro' foi uma constante na relação pedagógica e isto é evidenciado quando os alunos avisam a professora sobre quando voltarão *on line* para verificar seus *e-mails* e a professora também comunicava da sua ausência *on line*, pois estava em período de pausa.

Finalmente, queremos sublinhar a importância, tendo em vista a capacidade de generalização da epígrafe acima destacada. Os alunos, TODOS, sabiam que a professora estaria "lá", no "local" marcado. A confiança estava estabelecida. E, nesta mesma direção, segundo depoimento da professora da FEUSP, ela ouviu, muitas vezes dos seus alunos, frases semelhante a: "Puxa, você responde aos meus e-mails! Muito obrigada! Aqui tem gente que não responde!"

Considerações finais: do *Zoon Politikon* do século XXI

Uma sociedade que se preocupa com suas crianças deve
cuidar muito bem dos pais delas.

John Bowlby

À luz dos conceitos de *cuidado* (WINNICOTT) e de *abandono* (BAUMAN), considerando que faz parte da natureza humana se organizar politicamente, perguntando-nos: como se constituiu a relação pedagógica para além dos muros da sala de aula? Em que momentos observamos o abandono líquido e o cuidado na relação pedagógica estabelecida?

Os dados coletados nas maratonas *on line* de estudos e a análise dos mesmos realizada deixam claro que os alunos se sentiram acolhidos pela professora. Mesmo quando se comportaram de modo inadequado (ao fugir do foco da atividade, ao não atender algumas exigências que o trabalho exigia, dentre outros aspectos), a professora não os submeteu a reprimendas e "execuções sumárias", mas revelou *concern* por eles e os tratou de modo cuidadoso. O fato de a professora se esforçar por ajudar fez com que os resultados fossem melhores do que seria de se esperar. O cuidado exaustivo da professora nos remete ao que Winnicott chamou de "preocupação materna primária", uma disposição da mãe na relação com o bebê que tem a característica de ser um cuidado exaustivo. Neste sentido, o abandono do qual nos fala Bauman esteve liquidamente presente no contexto pedagógico, já

que pessoa física da professora não estava – entretanto, a necessidade de cuidar e ser cuidado, tal como no filme “O Silêncio de Lorna”, foi mais forte. Ou seja, o computador, a conexão à rede, serviram como o ursinho que a mãe deixa com a criança (objeto transicional, segundo Winnicott) e substituíram a ausência da pessoa ou ainda a segurança que o simples olhar da professora pode oferecer ao aluno, independente da idade deste. A *internet*, contato humano sem o toque, o olhar, o calor, pôde oferecer *holding* no âmbito desta pesquisa.

Por isso, concordamos com Bowlby quando ele diz que uma sociedade que se preocupa com suas crianças deve cuidar muito bem dos pais delas; e acrescentaríamos: dos professores delas também. Deste modo, se a sociedade pretende merecer o adjetivo de humana, cabe a ela cuidar para que seus membros não se sintam excessivamente desamparados. Apesar de TUDO, existem possibilidades e a natureza humana não nos deixa escapar.

Dito de outro modo, estamos no seio de uma discussão sobre a ética da relação pedagógica que se dá num mundo novo: o virtual. E aqui, remetemo-nos, sem medo, a Aristóteles (1997) e defendemos que a relação pedagógica tem como objetivo alcançar a felicidade, sendo que os meios utilizados para tanto constituem a política da mesma. E assim, cada um dos envolvidos no ensino e na aprendizagem, e ainda aqueles atingido pela docência, precisa estar feliz para que a polis também o esteja.

Este ‘feliz’ se dá pela possibilidade do Homem de cuidar e se preocupar com o outro e, como já dito, pode ser desenvolvida desde que o ser humano se encontre na situação de sujeito, que tenha liberdade para a construção da autonomia, da livre expressão, e que possa exercer a capacidade de ser “si mesmo”. Tal situação foi promovida pela professora participante desta investigação, de modo racional e deliberado, ou seja, político, não somente nas duas maratonas *on line*, mas no percurso desta relação pedagógica. Deste modo, este trabalho oferece espaço à reflexão de que, mesmo diante de uma sociedade marcada por relações líquidas, é possível a relação pedagógica (e outras relações) servir de alavanca ao desenvolvimento da capacidade de se preocupar com o outro, ao prover um certo tipo de relação na qual a pessoa descobre dentro de si a capacidade de utilizar as relações vividas no ambiente para desenvolver a confiança e a segurança necessárias para o surgimento do estado de *concern*, ou seja, de cuidado em relação ao outro.

A natureza política do ser humano, para se efetivar, precisa – necessariamente – de confiança e segurança, pois a política significa não simplesmente a instância

que instaura a lei entre os iguais, mas a instância que protege, ou seja, que dá segurança aos homens e mulheres em sociedade. Aqui se esvazia o mito de ‘sua majestade o mercado’, típico do neo-liberalismo, que na verdade deveria se chamar neo-capitalismo, ou da modernidade líquida: quando entregue à própria sorte, a competição pela sobrevivência leva o homem a voltar para a vida selvagem onde reina a força bruta e portanto o desamparo e não o *concern*.

A política, em um ambiente de desamparo, implica no risco de se ver socialmente subjugada a um processo de exclusão que não se pode dominar, e isto afeta a capacidade de reflexão e de autonomia do pensamento, permitindo a adoção de valores externos sem qualquer questionamento ético ou de valores e, portanto, vê-se a abolição da faculdade de julgar e da vontade de agir coletivamente contra a injustiça. E justamente aqui está o aspecto político da natureza humana, no sentido do cuidado e da proteção que equilibra o poder da lei, e no sentido da percepção do particular, do individual que, como nos aponta Bogomoletz (1998), equilibra o poder da razão. Este é um magnífico rolo compressor que, por um lado, aplaina o caminho e nos permite ir longe, mas que é capaz, também, de a tudo achatar e a tudo generalizar, matando a dimensão mais importante da vida humana: a condição de sujeito a que os seres humanos têm direito – um direito universal e inalienável.

Em suma, entendemos que a modernidade líquida é investida por um mundo regido pelo poder das várias formas de comunicação, numa sociedade onde tudo se processa num ritmo rápido e alucinante, numa cultura do descartável, impulsionada pela máxima do consumismo. Mas, neste exercício de olhar a realidade atual com as lentes de Winnicott sobre o tema, podemos perceber que a possibilidade do Homem de cuidar e se preocupar com o outro está diretamente relacionada à noção de maturidade política, ou ética, que pode ser alcançada e até desenvolvida juntamente com a evolução tecnológica, desde que o ser humano se encontre na situação de sujeito, que tenha liberdade para a construção (no início da vida, e do exercício, posteriormente) da autonomia, da livre expressão, que possa exercer a capacidade de ser “si mesmo” e, a partir disto, ter consideração pelos outros. Neste sentido, a construção de valores não partiria da imposição social ou das exigências de um sistema e sim da vontade de cada um de, devido ao fenômeno do *concern*, que interessar-se-ia ativamente pelo bem-estar do outro. Com isso, os valores assim construídos adquiririam um poder imenso, uma força que nada mais conseguiria parar: a força da natureza, da Natureza Humana (cf. WINNICOTT), de cuidar e ser cuidado.

Referências

- ARISTÓTELES – Política. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama KURY. 3ª ed. Brasília: UNB, 1997. 317p.
- BAUMAN, Z. – 44 cartas do mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. – Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. – Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. – O mal-estar da pós-modernidade. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.
- BOGOMOLETZ, D. – Ilusão: o ambiente em que vivemos, artigo publicado para o IX ENCONTRO LATINO AMERICANO SOBRE O PENSAMENTO DE WINNICOTT, 2000. In: www.dwwinnicott.com.br. Acessado em 22 de maio de 2012.
- _____. – Entrevista concedida à Revista Nova Escola, na Edição 218, de dezembro de 2008. In: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impresas/218.shtml>. Acessado em 22 de maio de 2012.
- _____. – O profeta: filósofo, político, poeta. Artigo publicado no blog Judaísmo Humanista, em 1998. In: <http://judaismohumanista.ning.com/forum/topics/o-profeta-filosofo-politico>. Acessado em 22 de maio de 2012.
- DEJOURS, C. – A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- LIPOVETSKY, G. (1983) – A era do vazio. Lisboa: Relógio d'água, 1983.
- SUZUKI, Shinichi – Educação e Amor: Um novo método de educação. 2ª ed. rev. e corr. Santa Maria: Palloti, 1994.
- WINNICOTT, D. W. – Holding e interpretação. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. – Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. – O desenvolvimento da capacidade de se preocupar (1963b). In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. – A criatividade e suas origens. In: O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

- ¹ Este número 44 não corresponde à quantidade de e-mails com os quais trabalharemos nesta pesquisa. O mesmo é uma alusão à obra de Z. Bauman chamada “44 cartas do mundo líquido moderno” em que encontramos a inspiração para a escrita deste *paper*.
- ² Se por um lado, este momento da investigação constatou relação direta entre a confiança com o uso do computador e o nível de escolaridade, por outro, não se pode desconsiderar uma variável importante, que diz respeito ao acesso a estes recursos. Shinichi Suzuki, professor de musicalização infantil, certa vez, foi procurado por um pai que lhe pediu para ensinar violino a seu filho de quatro anos. Naquela época, as crianças não começavam aprender tocar violino nesta idade. Suzuki pôs-se a pensar como poderia, e então concluiu: “*Como? Todas as crianças japonesas falam japonês! Esse pensamento foi para mim como um relâmpago numa noite escura... se elas falam tão fácil e fluentemente o japonês, deve haver algum segredo no seu aprendizado*” (SUZUKI, 1994, p. 12). Realmente, todas as crianças do mundo são educadas por um método perfeito: por sua língua materna. Neste sentido, o acesso ao recurso (e o modo como esse recurso é apresentado ao indivíduo) se constitui em variável indispensável a ser considerada no caso desta pesquisa: ninguém cresce falando uma língua diferente da língua materna, as pessoas aprendem o que é apresentado a elas e na relação com o objeto do conhecimento constroem confiança, e desenvolvem familiaridade com o mesmo. Assim, é imprescindível apontarmos a evidência de que os adultos no Quebec são mais expostos ao computador e às suas ferramentas do que os nossos alunos de EJA da periferia da cidade de São Paulo. Recomendamos a leitura do artigo de Nilce da Silva, Márcia Andrade e Cleomar de Azevedo *A relação entre escolaridade e uso do computador: aspectos quantitativos de estudo de caso junto acerca da formação de professores-estudantes de jovens e adultos pouco escolarizados na cidade de São Paulo* publicado na Revista Acolhendo a alfabetização em países de língua oficial portuguesa no mês de março de 2012, volume 1, n. 12.
- ³ No texto *Introdução a uma epistemologia dos gêneros textuais em ambientes virtuais : o ciberespaço a serviço da alfabetização* a ser publicado na Revista Poësis, abordamos o assunto mais detalhadamente. Indicamos também o artigo intitulado *A relação entre escolaridade e uso do computador: aspectos qualitativos de estudo de caso junto acerca da formação de professores-estudantes de jovens e adultos pouco escolarizados na cidade de São Paulo* publicado na revista de Educação Popular da Universidade Federal de Uberlândia neste semestre, também de Nilce da Silva.
- ⁴ Gilles Lipovetsky, filósofo, escreveu sobre o que denomina a “ERA DO VAZIO” e o psicanalista Charles Mellman insistiu no que chama de a “ERA DO GOZO”. Estes dois pensadores nos trazem a leitura de uma nova realidade, vista e revista todo o tempo, o tempo todo, na mídia e ao nosso entorno, desta busca desenfreada do prazer a “qualquer custo”, dessa vida que ganha o sabor do hedonismo imediato e da indiferença ao outro.
- ⁵ Até a época do capitalismo comercial (anterior à Era Industrial), o trabalhador controlava todo o processo de produção. Por exemplo, o artesão (e sua “equipe” – geralmente familiares) plantava, cortava a madeira, fazia a cadeira, vendia o produto do seu trabalho e se apropriava do valor integral do seu trabalho. Existia uma referência coletiva: o artesão geralmente era filho e neto de artesão. Existia uma verdade e uma vontade coletiva, mas, no entanto, esta verdade era imposta e os valores eram transmitidos mais pela opressão do que pelo livre consentimento: vidas passadas dentro do ressentimento mais agudo, da frustração e da indignidade. Na Revolução Industrial, a produção em larga escala era dividida em etapas, o que distanciou cada vez mais o trabalhador do produto final: o trabalhador tinha que deixar a vida pessoal para fora da empresa, porque se numa linha de produção ele tivesse que apertar o parafuso e ele parasse para pensar no filho doente, poderia deixar passar um parafuso e seria um mau operário. O trabalho, sobretudo monótono, reduzia a criatividade. Era considerado “bonito” ser um ótimo empregado e, neste regime de trabalho, a distinção entre patrões e empregados era máxima. É importante frisar que vivemos em uma época em que as pessoas são menos censuradas, em que os valores são diferentes porque

hoje é permitido se ter ideias diferentes (políticas, religiosas e, até mesmo, em relação às escolhas de coisas simples, cotidianas). A possibilidade de livre expressão que a realidade nos permite hoje, certamente, remete a alienação estruturante em que o homem vivia há tempos (podemos considerar este “tempo” como anterior às grandes guerras). Esta nota propõe um alerta para o fato de que temos que tomar cuidado para não tomar o Homem pelo que ele parece ser, ou seja, parecer que as coisas eram melhores “antes”, não significa que eram realmente.

- ⁶ Não há como o indivíduo pós-moderno escapar de ser um “coleccionador de sensações”, pois a possibilidade de ser um “coleccionador de sentimentos” é desfeita pela insegurança que resulta da “coisificação” do Homem, promovida pelo binômio indústria-comércio, tanto no ambiente de trabalho (a fim de minimizar os custos de produção/revenda) quanto no mercado aberto, onde vivem os consumidores.
- ⁷ Transicional é um meio termo entre o poder de se relacionar com objetos objetivos, ou seja, de se relacionar com o mundo através da observação, percebendo-o, e o poder de se relacionar com o mundo externo através da imaginação, concebendo-o ou, numa linguagem mais simples, criando-o.
- ⁸ Agradecemos à contribuição do psicanalista Davy Bogomoletz, estudioso da obra de Winnicott, que ampliou as reflexões acerca da compreensão da teoria winnicotiana.